

Falta de investimento inibe recuperação

GAZETA MERCANTIL

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

A recuperação econômica iniciada no último trimestre de 1992 mostra agora sinais de desaceleração porque não há novos investimentos. O último levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revela que a taxa de investimento está em 14,4% do Produto Interno Bruto (PIB).

"Apenas para cobrir a depreciação seria necessário investir 12% do PIB ao ano", calculou o professor Roberto Macedo, da Universidade de São Paulo (USP) e ex-secretário especial de Política Econômica. A situação pode mudar conforme as medidas que serão anunciadas na segunda-feira, pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. "A desaceleração pode ser maior se houver um efetivo acerto das contas públicas", afirmou Carlos Antonio Rocca, presidente do conselho de administração da Casa Anglo Brasileira — Mappin.

Arno Meyer, economista da Fundação do Desenvolvimento Administrativo

(Fundap), não espera choques econômicos: "A verdadeira âncora é o ajuste fiscal, necessário para garantir a estabilidade da moeda". Os três economistas concordaram que é necessário vontade política para estabilizar a economia e permitindo a retomada do crescimento.

Tanto Macedo quanto Rocca concordaram que a recuperação até agora experimentada foi um movimento do tipo "once for all"; isto é, houve uma mudança no patamar de consumo, renda, emprego e produção, mas o nível de crescimento registrado no final de 1992 e início deste ano não deve continuar se mantendo.

Os dois economistas participaram, na quarta-feira, da apresentação da Carta de Conjuntura nº 100, do Conselho Regional de Economia de São Paulo, que discutiu a revisão constitucional (ver página 6).

Rocca acredita que, agora, o nível de atividade apresentará uma certa acomodação, com taxas de crescimento menores, descontando-se os fatores sazonais que puxam as

vendas. O Mappin, por exemplo, que registrou um aumento de vendas de 40% no primeiro quadrimestre, trabalha com a previsão de fechar o ano com uma expansão de 30% em relação a 1992, quando faturou US\$ 360 milhões.

A desaceleração da recuperação, segundo Rocca, é explicada também pelos fatores que determinaram o movimento. O final do processo de "impeachment" de Collor de Mello, que trouxe mais tranquilidade às atividades econômicas, coincidiu também com maior confiança em relação ao nível de emprego. Esse quadro levou as pessoas, que estavam reprimindo seus gastos, a voltarem a consumir. Paralelamente, houve a nova

política salarial, que beneficiou também os aposentados. Já em abril, rumores de extinção do "fundão" causaram o que chamou de "bolha especulativa e defensiva", dentro do processo de recuperação.

INFLAÇÃO

Macedo prevê a estabilidade da inflação para os próximos sessenta dias. "Não há motivos para fortes altas, nem para a baixa." A divulgação de um Índice Geral de Preços — Disponibilidade Interna (IGP-DI), da Fundação Getúlio Vargas, de 32,27%, em maio, com quatro pontos de alta, não surpreendeu Macedo que explicou que o aumento do salário mínimo já fazia prever uma pressão forte sobre a construção civil.